

**Pesquisar
em tempos
de
pandemia:
experiência
na
Universidade
Estadual do
Rio Grande
do Sul**

**Carla Garcia
Bottega¹
Rosane Machado
Rollo²**

¹ Doutora em Psicologia Social e Institucional
Pela Universidade Federal do Rio Grande do
Sul. E-mail: carlabott@terra.com.br.

² Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul. E-mail:
rosanerollo@gmail.com.



**To research in
times of
pandemic: an
experience in
the State
University of Rio
Grande do Sul**

Resumo

A pandemia da COVID-19 ocasionou muitos desafios quanto ao modo de fazer pesquisa. Pensando nisso, o objetivo deste artigo é relatar algumas experiências vivenciadas no âmbito da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, especificamente no Curso de Especialização em Gestão Pública e no Grupo de Pesquisa Estudos, Pesquisa e Intervenções em Saúde Coletiva. Os relatos apresentados sobre as pesquisas conduzidas e o fato de ter vivenciado os respectivos processos de investigação em distintos momentos da pandemia fizeram muita diferença na construção do fazer científico. Como resultado, evidenciou-se que a pesquisa é um processo complexo e produzi-la em tempos de pandemia, nos quais múltiplas adaptações foram necessárias, é ainda mais desafiador.

Palavras-chave: Pandemia; COVID-19; Atividades de pesquisa; Educação *on-line*.

Abstract

COVID-19 pandemic caused many challenges in relation to the ways of researching. Thinking about it, the objective of this paper is to relate some experiences regarding the State University of Rio Grande do Sul, especially in the course Especialização em Gestão Pública and in the Grupo de Pesquisa Estudos, Pesquisa e Intervenções em Saúde Coletiva. The reports about conducted researches and the fact of having experienced their respective investigation processes in distinct moments of the pandemic made a huge difference in constructing the process of doing science. As result, we discovered that researching is a complex process and doing it in pandemic times in which many adaptations are necessary is even more defying.

Keywords: Pandemic; COVID-19; Research activities; On-line education.

Introdução

A gestão e as ciências, em especial a pesquisa, possuem muitas características em comum, inclusive a de que sofrem constantes desafios, sendo um dos mais recentes as crises causadas pela pandemia da COVID-19, pois expõem os limites da previsibilidade de nossos conhecimentos, modelos e teorias.

A pandemia da COVID-19, causada pelo novo coronavírus Sars-CoV-2, colocou-nos em um cenário de emergência de saúde pública. A primeira comunicação oficial sobre a suspeita do vírus foi feita à Organização Mundial da Saúde (OMS) em 31 de dezembro de 2019 (WHO, 2020). Trinta dias depois, diante da expansão incontrolável, a OMS declarou Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional e, em 11 de março de 2020, modificou o alerta a fim de decretar pandemia global, instruindo o mundo a adotar medidas restritivas drásticas, principalmente quanto à aglomeração de pessoas, no intuito de reduzir a disseminação (WHO, 2020).

Nossas cidades também tiveram suas realidades modificadas, com diminuição de diversos fluxos e movimentações até os dias atuais. O necessário distanciamento social e físico exigiu da sociedade em geral e dos pesquisadores, em especial, a adaptação a uma nova realidade.

Com a educação não foi diferente. Inseridas nesse 'novo normal', as instituições de ensino foram fechadas e, na maioria dos contextos, os processos de ensino e de aprendizagem foram transpostos para a modalidade virtual. No Ensino Superior, de acordo com Eloi Senhoras (2020), as universidades interromperam abruptamente seus processos de internacionalização e de extensão, de modo que tiveram que mudar significativamente suas rotinas de ensino e de pesquisa, que passaram a ser realizadas remotamente, quando possível.

Nesse sentido, como estratégia para minimizar os impactos no meio acadêmico, a tecnologia digital tornou-se uma aliada para novas formas de ensino. As ferramentas tecnológicas digitais permitiram a continuidade dos cursos através das aulas remotas, embora tenham dificultado a continuidade das atividades de campo da pesquisa que, não podendo ser realizadas, migraram para atividades de seminários, cursos, eventos *on-line* e de orientação remota (FERREIRA; MORAIS; CARPES, 2020).

Esse novo cenário permitiu maior proximidade de pesquisadores do mundo todo e acesso à variedade de conteúdos que foram disponibilizados na modalidade *on-line*, mas dificultou o contato entre discentes e orientadores, bem como impossibilitou, em muitos contextos, as observações de campo, inviabilizando a finalização de pesquisas. Quando os pesquisadores se viram em meio à pandemia da COVID-19, iniciaram processos de investigação sobre os mais diversificados aspectos envolvendo a temática (OLIVEIRA, 2021). Ana Lacerda e Laís Ramalho (2020) acreditam que muitos pesquisadores, anteriormente dedicados a outros assuntos, acabaram por voltar seu olhar à atual pandemia por razões que vão desde a crença na capacidade de contribuição da pesquisa para o avanço do conhecimento científico até a necessidade financeira, já que diversas fontes têm direcionado massivos investimentos aos estudos.

Entretanto, no âmbito das pesquisas cujas estratégias de produção de dados estão envolvidas com o trabalho de campo, nos perguntamos, dentre tantas incertezas: é possível dar continuidade aos processos investigativos que estavam em andamento? De acordo com Victor Oliveira (2021, p. 99), “para algumas investigações não foi possível realizar adaptações ao virtual, para outras foi [...]”, de maneira que resta saber o que foi feito daquelas que não foram capazes de se adaptarem.

Assim, apesar da condição de isolamento horizontal, das angústias ocasionadas em docentes e discentes, bem como das fragilidades observadas por conta das condições de possibilidades não ideais para as pesquisas, este momento tem sido desafiador para o processo de aprendizagem, uma vez que novas estratégias podem refinar sentidos e suscitar novas experiências não vivenciadas. Para Oliveira (2021), algumas dessas estratégias ou possibilidades de adaptações ao ofício de pesquisador em tempos de pandemia podem ser pensadas a partir da prática.

Nesse contexto, frente aos desafios de produzir ciência impostos pela COVID-19, nosso objetivo é relatar algumas experiências vividas durante o Curso de Especialização em Gestão Pública, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). O curso que, excepcionalmente na 4ª edição, teve seu período de duração prorrogado por conta do Sars-CoV-2, possibilitou às pesquisadoras perceber os desafios desse processo complexo de fazer ciência/pesquisa em dois momentos: antes e durante a pandemia.

O intuito não é apresentar respostas prontas e definitivas, tampouco apontar qual a forma certa de pesquisar ou de trabalhar nesse período, uma vez que o universo virtual – que se apresenta não como uma escolha, mas como necessidade e, em alguns casos, como uma alternativa única – é potente de muitas surpresas e descobertas. Para Camila Serrati e Kamila Fernandes (2020), ao falarmos desse ‘novo normal’, é necessário levar em consideração as incontáveis realidades existentes, muitas das quais desconhecemos. Sendo assim, enfatizamos que nosso objetivo é versar sobre nossas práticas e percepções a partir das vivências do curso.

O curso de Especialização em Gestão Pública da UERGS: adaptações no contexto da pandemia

Desde março de 2020, todas as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras estão fechadas e tudo indica que permanecerão assim até o ano de 2022, quando possivelmente poderemos contar com maior cobertura vacinal, como sugerem algumas organizações de saúde. O fechamento das IES foi uma das medidas adotadas no sentido de reduzir a circulação e a proliferação do vírus entre as famílias de estudantes, de trabalhadores das Instituições e da comunidade em geral.

A UERGS, como outras IES, suspendeu rapidamente suas atividades presenciais em 16 de março de 2020, para posteriormente elaborar um Plano de Contingência junto a seu Comitê de Monitoramento e Orientações UERGS – COVID-19 e aos demais integrantes da comunidade acadêmica. O semestre letivo 2020/1 foi retomado em 22 de junho de 2020, com aulas remotas, dando continuidade às medidas de prevenção à COVID-19.

Presente em 24 municípios gaúchos e ministrando cursos de graduação e pós-graduação nas três áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências Exatas e Engenharias, Ciências da Vida e Meio Ambiente, a UERGS foi uma das primeiras instituições de ensino a iniciar as atividades no que tem sido chamado de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

A Especialização em Gestão Pública da UERGS é um Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, que busca oferecer uma visão geral sobre o fenômeno estatal e sobre a administração pública, direta e indireta, e que tem como objetivo formar profissionais capacitados para planejar e gerenciar atividades públicas.

Para tanto, o referido curso busca fornecer elementos teóricos e práticos no intuito de auxiliar na compreensão da relevância do serviço público para o desenvolvimento econômico e social, sendo composto por módulos de 30 horas cada, ministrados individualmente, com as disciplinas de Direito Administrativo; Gestão Estratégica e Projetos Públicos; Metodologia de Pesquisa I e II; Gestão de Operações; Estatística; Custos no Setor Público; Análise Macroeconômica; Gestão de Pessoas; Marketing no Setor Público; Gestão Estratégica em TI e Tópicos Especiais em Gestão Pública. O curso utiliza, como metodologia, preleções expositivas e dialogadas, com apoio de estudos de caso, palestrantes convidados e visitas técnicas, a partir de aulas presenciais semanais (sextas-feiras à tarde e à noite, e sábados de manhã).

A fim de obter o certificado de conclusão de curso, os alunos devem atender às seguintes exigências: I – 75% de frequência em cada disciplina; II – Conceito mínimo “C” em cada disciplina (60% de aproveitamento); III – Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia e artigo ou dois artigos, com conceito mínimo “C”. A avaliação do trabalho – realizada em sessão pública – é feita por uma banca examinadora, composta por três membros, sendo um deles o professor orientador.

O curso, que iniciou as atividades da sua 4ª edição em abril de 2019, concluiu oito das dez disciplinas na modalidade presencial. Contudo, com a suspensão do calendário acadêmico, em março de 2020 (como já arrolado anteriormente), os módulos de Marketing no Setor Público e Tópicos Especiais em Gestão Pública aconteceram por meio de aulas virtuais na modalidade ERE. Outro aspecto que também impactou na dinâmica do curso foi que, em virtude da dificuldade de retomada mínima das atividades acadêmicas (acesso às bibliotecas e ao campus da UERGS) e de pesquisas (acesso aos locais das pesquisas, encontros para orientação) pela maioria dos discentes, houve a prorrogação do período da especialização para julho de 2021, para que todos tivessem a oportunidade de finalizar seus trabalhos de conclusão.

Assim, o ingresso da autora principal deste artigo – através do Edital 001/2019 – no Curso de Especialização em Gestão Pública, em abril de 2019, e a participação dela como pesquisadora no Grupo de Pesquisa Estudos, Pesquisa e Intervenções em Saúde Coletiva da UERGS, relacionado à graduação em Administração Sistemas e Serviços de Saúde, oportunizou a atuação/colaboração em dois projetos de pesquisa.

O primeiro deles, “Análise do processo de construção do Planejamento Regional Integrado (PRI), da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS): desafios e potencialidades” é um subprojeto que se insere em um projeto maior, denominado “Análise do Planejamento Regional Integrado da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul”. Esse projeto vincula-se ao supracitado Grupo de Pesquisa da UERGS e foi construído em parceria com a Assessoria Técnica e de Planejamento (ASSTEPLAN), da Secretaria do Estado da Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS), e a Escola de Enfermagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo por objetivo acompanhar e analisar o Planejamento Regional Integrado (PRI) conduzido pela SES/RS, além de identificar potencialidades e fragilidades na construção da proposta metodológica ascendente, implementada pela SES/RS no período de 2019 a 2020.

O segundo projeto, “Análise da inserção e da trajetória profissional dos egressos, do Curso de Administração em Sistemas e Serviços de Saúde da UERGS, no período de 2002 a 2018”, vincula-se exclusivamente ao Grupo de Pesquisa da UERGS, e surgiu a partir da percepção da importância de verificar a trajetória e os principais desafios encontrados pelos egressos da graduação em questão, bem como do intuito de proporcionar à UERGS uma análise do processo de ensino e aprendizagem e da formação desses profissionais. As duas pesquisas foram submetidas e aprovadas pelo Comitê de Ética da Instituição.

Diante do exposto, as experiências vivenciadas nos dois projetos supracitados servirão de base para este estudo descritivo-narrativo, com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência.

Desafios, entraves e impactos enfrentados pelos pesquisadores na pandemia

Não é novidade que a pandemia da COVID-19 proporcionou uma verdadeira reviravolta nos mais diversos aspectos da vida cotidiana. A necessidade do distanciamento corporal acarretou transformações nas práticas sociais e culturais, as quais já estávamos adaptados enquanto sociedade (OLIVEIRA, 2021). Uma simples saída para as atividades rotineiras, como ir à padaria, de um dia para o outro se transformou em uma ‘operação de guerra’, sendo que as frases mais ouvidas

eram/são: evite aglomerações; use máscara; observe o distanciamento; carregue seu álcool gel; só saia de casa se for estritamente necessário; dentre outras.

Nossas vidas, famílias e sociedade foram 'viradas do avesso'. Alguns indivíduos perderam seus empregos, enquanto outros trabalharam na modalidade *home-office*. O isolamento e as pressões causadas pelas novas situações afetaram muito as pessoas, tanto na dimensão física, quanto na emocional. Tivemos medo. Em alguns casos, inclusive pânico. Houve todo tipo de sentimentos, além de inúmeras perdas e 'situações-limite' durante essa experiência forçada, para os quais não estávamos preparados. Mas também houve ocasiões em que passamos a (re)viver momentos por vezes não priorizados, como fazer um bolo de chocolate e aproveitar o ambiente de nossos lares junto de nossas famílias. O certo é que neste momento (escrevemos este texto na primeira semana de junho de 2021, na cidade de Porto Alegre), todos nós estamos vivendo intensas incertezas.

Nessa perspectiva, não é possível prever que rumo a pandemia vai tomar no Brasil, nem sabemos todas as dimensões dos impactos e os danos causados à saúde e à sociedade; entretanto percebemos, assim como Serrati e Fernandes (2020), que o cotidiano de pesquisadoras, pesquisadores e de toda comunidade acadêmico-científica sofreu uma grande reviravolta no início do ano de 2020, que ficará marcado na memória de quem viveu esse momento e na história de nosso país.

Mesmo na complexidade desse momento, sabemos que, tanto no ensino quanto na pesquisa, a distância não é um elemento novo. Conforme Serrati e Fernandes (2020), existem múltiplos formatos de trabalhos conhecidos e o universo virtual já fazia parte de nossas vidas e da vida de todos os outros pesquisadores em certa medida. Contudo, para as autoras, o que aparece como inovador, para além da forma abrupta como tivemos que nos adaptar, é o fato de que esse lugar, que não é comum a todos, é o único espaço possível para que nosso trabalho não cesse de vez.

Para muitos pesquisadores as situações são desafiadoras, uma vez que nem todos têm acesso à *internet*, computador, *smartphone* ou a um local silencioso e reservado, com boa iluminação e pouca circulação de pessoas, para realizar os processos de leitura e de escrita, assim como reuniões, entrevistas e quaisquer outros momentos que envolvam o contato e a troca virtual. 'Estamos no mesmo cenário, mas não no mesmo barco'. Lacerda e Ramalho (2020) afirmam que a utilização de recursos educacionais digitais é incompatível com a realidade de grande parte da população

brasileira, pois esbarra em limitações como a falta de acesso à *internet* e aos dispositivos necessários para conectá-la. De acordo com as autoras, é como se a opção pelo ensino remoto, não aliada à garantia dos instrumentos necessários, partisse do pressuposto de que todas as pessoas que frequentam o ambiente da pós-graduação têm acesso a esses recursos, e isso, “por si só é segregador” (LACERDA; RAMALHO, 2020, p. 11), uma vez que rejeita a perspectiva de se pensar que brasileiros que não possuem acesso a esses recursos digitais ocupem esses espaços.

Note que falamos de questões socioeconômicas que expõem de forma contundente o quanto ainda existe no Brasil uma vulnerabilidade de renda, moradia e saneamento (IBGE, 2018). Entretanto, poderíamos salientar outras dificuldades surgidas dessa nova configuração social que a pandemia produziu, tais como: a necessidade de cuidado dos mais idosos e crianças, o enfrentamento de casos de adoecimento por COVID-19, seja dentro do próprio domicílio do indivíduo, seja de familiares, bem como o estresse gerado em função do isolamento e das demandas para organização das atividades domésticas (GUSSO *et al.*, 2020).

Assim, em que pese todos os desafios impostos pelo distanciamento social, que fomos obrigados a adotar para nos proteger, bem como as desigualdades sociais muito mais visibilizadas pelo cenário pandêmico, o mundo virtual tem sido nosso espaço de trabalho, lugar de produção, de construção, de desconstrução e de aprendizados, ou seja, de “intensa fonte de informações, nossa janela para o mundo” (SERRATI; FERNANDES, 2020, p. 380).

Todavia, essa “janela” que se abre para o contato com o mundo, com os familiares, os amigos, os colegas de trabalho e a pesquisa, está imbuída de novas maneiras de ‘ser-fazer’. Tivemos que aprender a lidar com novas tecnologias, principalmente ressignificar a maneira como lidávamos com aquelas de caráter digital. Aulas foram virtualizadas (e ofertadas de maneira síncrona e assíncrona) e percebemos que não é fácil estudar/concentrar-se nessa modalidade *on-line*, dado o fato de que nossa rotina anterior estava baseada em aulas presenciais.

Atividades que antes tinham seu funcionamento no formato presencial tiveram que ser reinventadas, repensadas e reorganizadas, como os congressos que tiveram que ser remarcados e começaram a acontecer através de plataformas virtuais de interação. Encontros de grupos de trabalho, de grupos de estudos e pesquisa, reuniões com orientadores, o processo de leitura e escrita passaram a funcionar

totalmente *on-line*, acompanhados da criação de grupos no *WhatsApp* (SERRATI; FERNANDES, 2020). Nesse sentido, Eleilde Oliveira *et al.* (2020) afirmam que a utilização da educação remota possibilitou a oferta de diversos cursos de capacitação e de aperfeiçoamento, nos quais a participação da comunidade acadêmica teve um aumento significativo se comparado ao método tradicional.

Outro aspecto que também tivemos que (re)aprender por conta dos impactos dessa mudança brusca foi o de estabelecer horários para o desenvolvimento das pesquisas, tanto de início, quanto de término do trabalho. Para Serrati e Fernandes (2020), essa questão, inicialmente considerada como um entrave significativo, acontece em virtude de alguns fatores, tais como: o computador, tanto como um instrumento de trabalho, quanto de lazer; contratempos nas agendas *on-line*; problemas de conexão da *internet*; embaraços nos diálogos (dificuldade na percepção das expressões faciais e/ou do tom de voz de outra pessoa que prejudicam a comunicação). Dessa forma, para superar tal barreira, foi e é necessário adequar as atividades da pesquisa aos demais horários da nossa rotina de vida, como dormir, comer, atividades domésticas – agora intrínsecas às nossas tarefas diárias, já que passamos a maior parte do nosso tempo em casa.

Além dos desafios até aqui apresentados, outro problema que surgiu potencializado frente às condições impostas pela pandemia diz respeito à saúde mental. Vivendo em um contexto de exceção, percebemos que essa nova configuração do mundo tem servido de catalisador para muitas das questões sociais, emocionais e psicológicas enfrentadas na academia (LACERDA; RAMALHO, 2020). Para Eluá Nascimento (2021), todos os eventos que estão acontecendo massiva e cotidianamente ao nosso redor afetam nosso ritmo, nossa concentração, nosso sono, nossa qualidade de vida e nossa rotina. Tais fatores, sejam somados ou isoladamente, detém o medo, a insegurança e incidem de forma significativa em nossa saúde mental, por vezes paralisando-nos e, conseqüentemente, afetando nossa produção, principalmente no que concerne à escrita.

Essa sensação de incertezas ocasionada pela pandemia carrega problemas como ansiedade, fadiga, solidão, depressão e, infelizmente, luto, que são acrescidos pela crescente obsessão pela produtividade acadêmica. Nesse sentido, Lacerda e Ramalho (2020) alertam que a tão comum pressão pela excelência e produtividade se

multiplica em uma conjuntura que afeta, de maneira direta e indireta, inúmeros projetos e cronogramas de pesquisa por tempo indeterminado.

Por fim, dentre todas as dificuldades que esse momento apresenta, o desenvolvimento de uma pesquisa que necessita de estratégias de produção e coleta de dados em campo é um dos mais difíceis de ser superado. Lacerda e Ramalho (2020) salientam que, mesmo que alguns pesquisadores possam ter adaptado métodos, objetos, horários de produção, e levem em conta diferentes condições, há práticas de pesquisa que são totalmente inviabilizadas sem o viés presencial. Tal situação ficará mais evidente no subtítulo a seguir, pois apesar das pesquisas que servirão de base para esse relato de experiência terem iniciado seu processo investigativo antes da pandemia, elas tiveram seu desfecho em tempos distintos.

Pesquisar na pandemia: algumas experiências do campo

A pandemia, que tem afetado todos os setores da sociedade, em especial a saúde, a economia e a educação, também tem sido um dilema para a comunidade científica, que enfrenta grandes desafios para se adaptar à nova realidade. O isolamento social limitou a área de atuação de cientistas que dependem de estudos de campo ou equipamentos de pesquisa para dar continuidade a seus projetos.

Se o trabalho dos pesquisadores já apresentava consigo uma sensação de ser solitário, frente à pandemia esse sentimento se intensificou, e acabou se efetivando na prática. Mas, de que maneira as mudanças e tantos impedimentos impactaram pesquisas, que se iniciaram em um contexto em que a vida 'normal' ainda era possível? A partir desse cenário/questionamento e do Curso de Especialização de Gestão Pública da UERGS percebemos como a eclosão da pandemia alterou toda a estrutura da Universidade, das pesquisas, inclusive dos dois projetos em que estivemos inseridas pelo Grupo de Estudos da instituição e, em especial, da rotina de estudos e da produção.

Com relação aos dois projetos que servirão de base para as reflexões deste relato de como fazer pesquisa em tempos de pandemia, tanto a "Análise da inserção e da trajetória profissional dos egressos, do Curso de Administração em Sistemas e Serviços de Saúde da UERGS, no período de 2002 a 2018", quanto a "Análise do processo de construção do Planejamento Regional Integrado (PRI) da Secretaria de

Estado da Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS): desafios e potencialidades, no período de 2019 a 2020”, começaram antes do início da pandemia, embora tenham tido desfechos diversos.

A pesquisa com egressos do Curso de Administração em Sistemas e Serviços de Saúde iniciou suas atividades em abril de 2019, praticamente ao mesmo tempo em que a autora principal deste texto começava o Curso de Especialização e ingressava no Grupo de Estudos, Pesquisa e Intervenções em Saúde Coletiva da UERGS. Esta pesquisa, exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, delimitou como participantes todos os egressos que concluíram a graduação de Administração em Sistemas e Serviços de Saúde da UERGS, desde a primeira turma, no segundo semestre de 2004, até o último grupo analisado no período da pesquisa (segundo semestre de 2018). O contato com os participantes ocorreu através de e-mail enviado aos endereços eletrônicos dos egressos, como forma de convite para participar do estudo. A lista com os nomes completos e os contatos dos graduados foi solicitada à Pró-Reitoria de Ensino (PROENS).

De acordo com as informações obtidas junto à Administração da UERGS, em abril de 2019, 191 alunos egressos adquiriram o diploma de conclusão do curso no período estipulado para a pesquisa. Obteve-se o contato de 107 egressos, via e-mail e redes sociais, sendo que 14 retornaram como “mensagem não entregue” ou “endereço não encontrado”, totalizando 93 pessoas contatadas ou que, efetivamente, receberam a mensagem com o convite para participação. Destes, 32 retornaram a mensagem, disponibilizando-se a contribuir com o relato de suas experiências. A partir deste primeiro contato, os participantes foram orientados sobre a pesquisa, seus objetivos, bem como seu modo de funcionamento. Todos os egressos que acessaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa aceitaram os termos e prosseguiram respondendo o questionário.

Para a coleta de dados, utilizou-se como instrumento um formulário (desenvolvido pelas pesquisadoras), feito através da plataforma *Google Forms*, composto por dados sociodemográficos e de identificação, além de 19 questões (18 de múltipla escolha e 1 questão aberta ao final). A pesquisa foi organizada em três blocos: o primeiro deles sobre a análise da situação profissional atual do egresso; o segundo bloco sobre a percepção do egresso quanto à sua formação acadêmica; enquanto o último foi uma autoavaliação quanto à percepção do egresso sobre a sua

performance ao longo da graduação. Os resultados foram organizados a partir destes três blocos.

A análise dos dados das questões objetivas foi realizada por meio de estatística descritiva simples, no *Microsoft Excel*, a fim de organizar, apresentar e sistematizar os achados, utilizando gráficos e tabelas que permitissem obter informações a respeito dos participantes, de acordo com as questões supra indicadas. A análise das respostas à questão aberta foi feita utilizando-se a técnica de organização com registro de unidades repetidas e similares (sem a existência de categorias prévias).

Note que todas as etapas do processo investigativo, como a coleta, a produção e a análise de dados aconteceram ainda em 2019, ou seja, antes do isolamento social ter sido decretado. Em dezembro de 2019, já finalizada, a pesquisa foi apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) por um dos pesquisadores integrantes³ do Grupo de Estudos e Pesquisa, sendo requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração de Sistemas e Serviços de Saúde da UERGS. Por fim, trabalhou-se na escrita de artigos e foram aprovados dois trabalhos em congressos – 14^o Congresso Internacional da Rede Unida, em 2020⁴, e outros dois no 4^o Congresso Brasileiro de Política, Planejamento e Gestão da Saúde, em 2021⁵. Para além desses eventos, finalizou-se também a escrita de um artigo completo, que será submetido em breve. Assim, todas as etapas da pesquisa foram mediadas pelo mundo digital, desde sua análise exploratória de reconhecimento do campo até a escrita dos textos. Contudo, sempre que necessário, tanto o campo, quanto os informantes da pesquisa, estavam acessíveis também de forma física, uma vez que as medidas sanitárias ainda não haviam sido implementadas.

³ O trabalho “Inserção e trajetória profissional dos egressos do Curso de Administração em Sistemas e Serviços de Saúde da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul”, é de autoria de Frederico Fonini Faviero.

⁴ Para mais informações, os citados constam nos Anais do evento, disponível em <http://www.redeunida.org.br/pt-br/evento/8/standalone/anais/>, com os títulos: “Análise da inserção e trajetória profissional de egressos do curso de administração em sistemas e serviços de saúde da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul” e “Análise do processo de construção do planejamento regional integrado da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul: desafios e potencialidades”.

⁵ Para mais informações, os citados constam nos Anais do evento, disponível em <https://proceedings.science/cbppgs-2021/papers/>, com os títulos: “Como estão os egressos do Curso de Administração em Sistemas e Serviços de Saúde da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)?” e “Potencialidades e fragilidades no processo de construção do Planejamento Regional Integrado da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul”.

Diferentemente do projeto dos egressos, para a pesquisa da “Análise do processo de construção do Planejamento Regional Integrado (PRI) da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS)”, os efeitos da pandemia foram impactantes. Como informado anteriormente, a pesquisa do PRI estava vinculada a um projeto maior, “Análise do Planejamento Regional Integrado da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul – SES/RS”, em andamento. Assim, quando ingressamos, em abril de 2019, muitas ações já haviam acontecido.

Nesse contexto, o desenho da pesquisa foi desenvolvido de forma a contemplar tanto as etapas já realizadas anteriormente pelo projeto vinculante, no tocante ao planejamento regional, quanto as que ainda deveriam ser disparadas pela SES/RS. Para tanto, a partir de uma abordagem qualitativa, utilizaram-se como ferramentas para a produção de dados a observação participante (registros em reuniões, oficinas e demais eventos), entrevistas (com gestores e demais atores envolvidos no processo de construção de planejamento) e a pesquisa documental (documentos oficiais publicados pela secretaria e pelo Ministério da Saúde).

No decorrer do ano de 2019, além da aproximação com o campo de pesquisa, também foram realizados encontros de trabalho na UERGS e na ASSTEPLAN-SES/RS, na qual o Grupo de Pesquisa da Universidade teve a oportunidade de participar de algumas reuniões do Grupo de Trabalho do PRI (GT/PRI) da SES/RS, presenciando *in loco* a construção da metodologia do PRI⁶. Os primeiros encontros serviram para que o GT/PRI descrevesse a construção da metodologia de operacionalização do PRI pela SES/RS. Para tanto, foi relatada a historicidade do processo e as etapas do trabalho que deram origem à metodologia, bem como as articulações, tanto internas (das diversas divisões da SES/RS), quanto com os gestores (das três esferas) e os demais atores sociais envolvidos.

Igualmente foi elaborado um cronograma com a sequência dos trabalhos. No final de 2019 (26 e 27 de novembro), participamos, junto com gestores municipais e representantes do governo do estado, da oficina promovida pela Secretaria Estadual da Saúde, com vistas ao alinhamento de informações para a elaboração do PRI e do Plano Estadual de Saúde 2020-2023. Até esse momento, o cronograma da pesquisa acordado entre a ASSTEPLAN/SES/RS e Grupo Estudos e Pesquisa da UERGS acontecia em conformidade com o planejado.

⁶ As reuniões foram registradas em atas.

Todavia, em março de 2020, quando os trabalhos de campo seriam retomados com as entrevistas e as observações participantes, o distanciamento social entrou em vigor. Assim, todas as formas de produção de dados, tanto as que aconteceriam junto a ASSTEPLAN – que naquele momento canalizava todos os seus esforços para conciliar o planejamento à nova realidade, que até hoje vivemos – quanto as que seriam produzidas com os demais gestores e atores sociais envolvidos no PRI ficaram paralisadas.

Nesse contexto, optou-se, então, por ampliar a coleta de dados documentais e a consequente confecção de um estado da arte mais elaborado das investigações. Assim, ao longo de 2020, produzimos dois trabalhos com relatos sobre a pesquisa, que foram submetidos e aprovados nos dois congressos já citados anteriormente, que aconteceram de forma virtual⁷.

Verifica-se que, aqui, diferentemente da pesquisa dos egressos, nem todas as etapas da pesquisa puderam ser mediadas por meio digitais, como a observação participante das reuniões presenciais (já que não aconteceram) e as entrevistas com gestores (das três esferas). Para Deslandes e Coutinho (2020), isso ocorre porque as pesquisas, que usualmente eram/são efetuadas a partir do convívio cotidiano e de trocas conversacionais presenciais diretamente com os informantes do estudo, estão suspensas. As autoras ressaltam ainda que as pesquisas que envolvem “um trabalho de campo, os de cunho etnográfico ou observacional, que planejam entrevistas e práticas grupais estão sendo agora revisados dadas as condições impostas pela pandemia” (DESLANDES; COUTINHO, 2020, p. 2), tal como se refletiu na pesquisa do PRI.

Apesar da pesquisa ainda não ter sido finalizada, o que possivelmente não ocorrerá em breve, uma vez que os dados não puderam ser produzidos até o presente momento, entendemos que os resultados obtidos até aqui contribuirão para ampliar a discussão sobre o tema e a política de planejamento no Sistema Único de Saúde. Além disso, objetivamente, gerou a publicação parcial dos resultados nos eventos supracitados, bem como inseriu discentes e docentes nas discussões realizadas no Grupo de Pesquisa.

Como fica perceptível no relato das experiências vivenciadas no curso, tal cenário demonstra a importância dos ‘tempos pandêmicos’ em nossas pesquisas. A

⁷ Como indicado antes, esses trabalhos já estão publicados nos anais dos congressos.

pesquisa sobre os egressos da UERGS teve grande parte do seu desenvolvimento, principalmente os procedimentos externos – que necessitavam de inserção no campo de pesquisa, das idas à Universidade, dos encontros com pessoas envolvidas na pesquisa, dos encontros presenciais com a orientadora, da sessão pública da avaliação do TCC – antes de março de 2020, ou seja, antes do início da pandemia. Assim, conseguimos concluir todas as etapas, pois quando o isolamento começou a impactar as pesquisas, já estávamos na parte final do projeto, ou seja, na escrita de artigos.

Entretanto, a pesquisa do PRI teve sua etapa mais crucial de coleta e de produção de dados bruscamente interrompida e, assim como tantas outras, não conseguiu superar o ‘caos pandêmico’ instalado há mais de um ano. Por ser uma investigação que se iniciou ‘antes’ do início, mas mergulhou profundamente no ‘durante’ a pandemia, teve impacto direto em seu resultado. Mesmo revisando planos, redefinindo etapas e buscando algumas alternativas mais imediatas, como ampliar as buscas de referências documentais, focando no processo mais interno da pesquisa a fim de que ela não ficasse completamente estagnada, como bem salientado por Lacerda e Ramalho (2020), as práticas de pesquisa do PRI restaram totalmente inviabilizadas.

Esse contexto denota que a pandemia da COVID-19, bem como as medidas sanitárias de distanciamento social causaram impasses às pesquisas e ao seu futuro. De acordo Deslandes e Coutinho (2020), ainda que a pesquisa em ambientes digitais já estivesse em franca expansão antes da pandemia, nesse momento de suspensão de atividades presenciais ela se torna uma alternativa para viabilizar a continuidade dos estudos. Por isso, ter uma melhor compreensão de como as pesquisas em ambientes digitais funcionam, evidencia uma necessidade epistemológica e metodológica para todos os pesquisadores (DESLANDES; COUTINHO, 2020). Contudo, mesmo entendendo a importância de tal ferramenta, como alternativa para viabilizar algumas pesquisas, principalmente neste momento de pandemia, as autoras advertem que essa

não se trata de uma solução indistinta a todas as pesquisas, pois tais decisões envolvem uma leitura de coerência aos objetivos do estudo, podendo indicar a necessidade de dinâmicas investigativas que articulem os espaços online e offline, buscando captar as diferentes performances e interações nestes espaços e o modo como as

tecnologias interatuam nas práticas sociais (DESLANDES; COUTINHO, 2020, p. 2).

Por fim, observa-se que as pesquisas em ambientes digitais consolidam uma mudança de paradigma em relação ao papel da tecnologia nas pesquisas sociais, funcionando não apenas como ferramenta auxiliar para a captação de dados, mas também como o meio pelo qual a socialidade dos sujeitos de pesquisa é colocada em prática (DESLANDES; COUTINHO, 2020). Entretanto, como bem defendem Deslandes e Coutinho (2020), não se trata de uma solução indistinta e, como tal, não contempla todas as pesquisas.

O panorama aqui descrito reflete de forma prática o quanto as pesquisas que não tinham iniciado a etapa de coleta de dados foram impactadas pela pandemia. Além disso, ele também demonstra de forma inequívoca o que Victor Oliveira (2021) sugere, quando diz que para algumas investigações, como a pesquisa do PRI, não foi possível realizar adaptações ao virtual – e acrescentaríamos, aos ‘tempos pandêmicos’ –, enquanto foi para outras tantas, como a pesquisa dos egressos. O ‘certo’, diante de tantas incertezas, é que o momento atual tornou ainda mais desafiador o processo complexo de produzir uma pesquisa e exige mudanças na forma de pensar e fazer ciência.

Considerações Finais

A pesquisa é um processo complexo que envolve pesquisadores, acadêmicos, estrutura física, horas de dedicação, testes, erros e acertos e, em algumas circunstâncias, também saídas ao campo. Por tudo isso, e outras tantas coisas, a pesquisa não é algo que se faz da noite para o dia, e produzi-la em tempos de pandemia, nos quais múltiplas adaptações foram necessárias, é ainda mais desafiador.

O isolamento limitou a área de atuação de cientistas que dependem de estudos de campo ou equipamentos de pesquisa para dar continuidade a seus projetos, pois os desafios impostos pela chegada da pandemia não foram/são poucos e não estão restritos a um grupo ou a alguma parte do mundo. Todos, em algum grau, foram afetados com a COVID-19 e suas implicações no cotidiano.

Como ficou perceptível ao longo do texto, e em especial nos relatos apresentados sobre as duas pesquisas, ter vivenciado o processo em distintos

momentos da pandemia fez toda a diferença para a construção da investigação. A pesquisa sobre egressos da UERGS, que aconteceu, em grande parte, antes da pandemia, teve todas as suas etapas contempladas e foi finalizada com êxito. Contudo, a pesquisa do PRI, que precisou alterar seu cronograma e não conseguiu efetuar a inserção no campo – as entrevistas e observações participantes não foram viabilizadas – teve significativo prejuízo, concentrando suas atividades numa fase mais interna, o que provavelmente inviabilizará sua finalização. Tal panorama reflete, de forma prática, o quanto as pesquisas que não tinham iniciado a etapa de coleta de dados foram impactadas pela pandemia.

Entretanto, apesar da pandemia ter trazido consigo o inesperado e, como consequências, as adaptações – necessidade de redefinição de objetos, alterações no horário de trabalho e de produtividade, inviabilidade de pesquisa de campo e de observação de fenômenos estudados – trouxe também novas experiências no ambiente acadêmico. Uma delas foi que, em certo grau, a pesquisa, assim como tantas outras atividades, digitalizou-se. Assim, a reinvenção de algumas metodologias que envolviam os encontros presenciais, e que puderam ser adaptadas ao atual momento, proporcionou a viabilidade de muitos projetos.

Portanto, considera-se que existem estratégias exequíveis para que algumas pesquisas possam ter seguimento, levando em conta as necessárias adaptações. Todavia, para outras, essas estratégias não foram/são viáveis e as pesquisas tiveram que alterar seus objetos, suas metodologias, ou ambos, sendo que algumas ainda ficaram inviabilizadas em definitivo.

Entendemos, ainda, que o contexto virtual, por vezes, não é inclusivo e a realidade pandêmica tem ‘deixado muitas pessoas para trás’, principalmente à medida que limita o acesso aos recursos educacionais digitais. Também percebemos que esse modelo virtual não deve ser o único, mas sim visto como complementar às demais metodologias de ensino-aprendizagem-pesquisa, uma vez que ao mesmo tempo em que possibilita o diálogo e a troca, também carece do contato físico mais próximo. Tais fatores são imprescindíveis para práticas que se tornem inclusivas, nas quais as pesquisas, como sugerem Serrati e Fernandes (2020), caminhem para além da produção na/para as universidades, alcançando a população como um todo, mesmo em tempos de pandemia.

Dado o exposto, nosso objetivo, ao contar sobre nossas vivências e percepções, enseja contribuir para a ampliação de horizontes e possibilidades de trabalho durante a pandemia da COVID-19 e, talvez, no pós-pandemia. Reafirma-se assim, cada vez mais, a importância da indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa na formação tanto do discente-pesquisador – neste caso do Curso de Especialização em Gestão Pública –, quanto do profissional. O aprendizado inserido nesse contexto de integração ensino-extensão-pesquisa, além de proporcionar a ampliação do desenvolvimento intelectual e criativo, possibilita trabalhar e pesquisar, em tempos tão difíceis, interligando a universidade tanto à comunidade local, quanto aos problemas vivenciados pela população em geral. Por fim, entendemos que o processo vivenciado durante a pandemia da COVID-19 tende a ser um importante marco no campo da ciência e das pesquisas.

Artigo recebido em 30 de setembro de 2021.

Aprovado para publicação em 14 de dezembro de 2021.

Referências

BOTTEGA, Carla Garcia; ROLLO, Rosane Machado; GUARANHA, Camila; RAMOS, Adriana Roesse. Potencialidades e fragilidades no processo de construção do Planejamento Regional Integrado da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul. *In: ANAIS DO 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE POLÍTICA, PLANEJAMENTO E GESTÃO DA SAÚDE*, 4., 2021, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/cbppgs-2021/papers/potencialidades-e-fragilidades-no-processo-de-construcao-do-planejamento-regional-integrado-da-secretaria-de-estado-da-s?lang=pt-br>. Acesso em: 08 dez. 2021.

DESLANDES, Suely; COUTINHO, Tiago. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 11, p. 1-11, 2020.

FAVIERO, Frederico Fonini; ROLLO, Rosane Machado; BOTTEGA, Carla Garcia. Como estão os egressos do Curso de Administração em Sistemas e Serviços de Saúde da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)? *In: ANAIS DO 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE POLÍTICA, PLANEJAMENTO E GESTÃO DA SAÚDE*, 4. 2021, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/cbppgs-2021/papers/como-estao-os-egressos-do-curso-de-administracao-em-sistemas-e-servicos-de-saude-da-universidade-estadual-do-rio-grande-?lang=pt-br>. Acesso em: 08 dez. 2021.

FAVIERO, Frederico Fonini; ROLLO, Rosane Machado; BOTTEGA, Carla Garcia. Análise da inserção e trajetória profissional de egressos do curso de administração em sistemas e serviços de saúde da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. *In: ANAIS DO 14º CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA. SAÚDE EM REDES*, v. 6, supl. 3, 2020. **Revista Saúde em Redes**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. Disponível em: <http://www.redeunida.org.br/pt-br/evento/8/standalone/anais/?title=8529>. Acesso em: 29 set. 2021.

FERREIRA, Vitória; MORAIS, Ana Carolina Lamberty; CARPES, Felipe Pivetta. A inserção na iniciação científica em tempos de pandemia: um relato de experiência. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 12, n. 1, p. 1-2, 2020. Disponível em: https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/22000/etp2_resumo_expandido_22000.pdf. Acesso em: 29 set. 2021.

GUSSO, Helder Lima *et al.* Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, p. 1-26, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de Indicadores Sociais-2018. **IBGE**, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=27611&t=sobre>. Acesso em: 29 set. 2021.

LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís. **Guia de Pesquisa na quarentena**: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020. Disponível em: <http://ccs.puc-rio.br/media/dhlab%20e%20LabMet%20julho%20de%202020%20-%20Guia%20de%20pesquisa%20na%20quarentena-final.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

NASCIMENTO, Eluá Benemerita Vilela. Desafios da Pesquisa em tempos de Pandemia. **Revista Saúde.com**, [S.l.], n. 17, v. 1, p. 2040, 2021.

OLIVEIRA, Eleilde de Sousa *et al.* A educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 52860-52867, jul. 2020.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Desafios para a pesquisa no campo das ciências humanas em tempos de pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 5, n. 14, p. 93-101, fev. 2021.

ROLLO, Rosane Machado; DUTRA, Rossana Rangel; SCHENKEL, Marina Amaral; GUARANHA, Camila; RAMOS, Adriana Roese; BOTTEGA, Carla Garcia. Análise do processo de construção do planejamento regional integrado da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul: desafios e potencialidades. *In: ANAIS DO 14º CONGRESSO INTERNACIONAL DA REDE UNIDA. SAÚDE EM REDES*, v. 6, supl. 3, 2020. **Revista Saúde em Redes**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. Disponível em: <http://www.redeunida.org.br/pt-br/evento/8/standalone/anais/?title=8242>. Acesso em: 29 set. 2021.

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020.

SERRATI, Camila Silva Marques; FERNANDES, Kamila Carleto. O trabalho de pesquisadoras durante a Pandemia da COVID-19: relatos e reflexões de práticas possíveis. **SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 377-390, jul./dez. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Coronavirus disease (COVID-19) outbreak. **WHO**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 20 mai. 2021.